PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA (RE) SIGNIFICAR O PARTO E O NASCIMENTO NO OLHAR DE PUÉRPERAS

*Educational practices to (re)signify
both delivery and birth in the
look of puerperal women*

¹Enfermeira egressa da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

²Enfermeira Obstetra. Doutora em Enfermagem em Saúde Pública EERP/USP; Professora Associada da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil.

³Enfermeira Obstetra. Mestre em Gestão da Qualidade dos Serviços de Saúde. Doutoranda em Ciências pelo do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil.

⁴Enfermeira. Doutora em Enfermagem; Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil.

⁵Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil.

⁶Acadêmica de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil.

Recebido em: 15/04/2019

Aceito em: 11/09/2019

Evelin Braatz Blank¹

Marilu Correa Soares²

Susana Cecagno³

Julliane Portella Ribeiro⁴

Stefanie Griebeler Oliveira⁵

Juliana Brito Ferreira⁶

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

RESUMO

Introdução: A gestação é uma fase importante na vida da mulher, sendo uma fase de mudanças físicas e psicológicas, sendo um potencial de transformação da mulher. **Objetivo:** conhecer as informações recebidas pelas mulheres no pré-natal e/ou grupos de gestantes em relação ao trabalho de parto e parto. **Método:** pesquisa descritiva de cunho qualitativo, com cinco puérperas participantes de grupo de

gestantes e/ou que realizaram pré-natal no serviço de saúde. A coleta de dados ocorreu através de entrevista semiestruturada e gravada, cujos dados foram transcritos e posteriormente analisados. **Resultados:** as mulheres apresentam conhecimentos distintos acerca do trabalho de parto e parto, devido a não homogeneidade de informações recebidas no decorrer da gestação. O grupo de gestantes foi identificado como um espaço que possibilita a potencialização das experiências positivas, o enfrentamento das dificuldades, a troca e a produção de conhecimento acerca do processo de trabalho de parto e parto. **Conclusão:** O grupo de gestantes e o pré-natal consistem em espaços importantes e singulares para práticas educativas, pois propiciam a troca de saberes e conhecimentos por meio da interação interpessoal, fortalecem a promoção da saúde e prevenção de doenças, além de corroborarem para a autonomia das gestantes e familiares na vivência do processo de parturição, o que refletirá positivamente no empoderamento das mulheres para o desempenho de seu papel ativo no parto e nascimento.

Palavras-chave: Educação em saúde. Cuidado pré-natal. Trabalho de parto. Parto normal.

ABSTRACT

Introduction: *Gestation is an important phase in the life of women, being a phase of physical and psychological changes, being a potential of transformation of the woman.* **Objective:** *It aims to know the information received by women in prenatal care and / or groups of pregnant women in relation to labor and delivery.* **Method:** *This is a descriptive study with a qualitative approach. The sample was five puerperal participants from the group of pregnant women and/or who underwent prenatal care at this health service. The data collection took place through a semi-structured and recorded interview. The data were transcribed and analyzed later.* **Results:** *Women have different knowledge about labor and delivery, due to the non-homogeneity of information received during pregnancy. The group of pregnant women was identified as a space that allows for the enhancement of positive experiences, coping with difficulties, exchange and knowledge production about the process of labor and delivery itself.* **Conclusion:** *The group of pregnant women and prenatal care consist of an important and unique spaces for educational practices, as they promote the exchange of knowledge through interpersonal interaction, strengthen health promotion and*

BLANK, Evelin Braatz et al. Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. SALUSVITA, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

BLANK, Evelin Braatz et al. Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

disease prevention, They also corroborate the autonomy of pregnant women and their families when it comes to the experience of the parturition process, which will positively reflect the empowerment of women to perform their active role in labor and delivery.

Keywords: *Health education. Prenatal care. Obstetric labor. Natural childbirth.*

INTRODUÇÃO

A gestação tende a ser uma fase importante na vida da mulher por corresponder ao período que antecede o parto. É um momento de mudanças físicas e psicológicas, acompanhadas por alterações emocionais, sendo potencial de transformação da mulher podendo torná-la mais vulnerável, enfraquecida, confusa e desorganizada ou mais fortalecida e amadurecida (SILVA, 2013).

O pré-natal desempenha papel importante para a mulher e sua família, pois objetiva a manutenção e a melhoria da saúde materno-infantil, por meio da prevenção e da promoção da saúde da diáde mãe e filho. O diagnóstico e tratamento dos problemas que ocorrem no período gravídico-puerperal devem ocorrer em tempo oportuno, de modo a neutralizar as vivências negativas de cada período (TOMASI *et al.*, 2017).

O fim da gestação culmina com o parto e nascimento e novos significados vão sendo (re)construídos dinamicamente no contexto de cada mulher conforme suas expectativas e experiências vivenciadas. O parto frequentemente é temido devido ao desconhecimento das mulheres do que pode vir a ocorrer (TOSTES; SEIDL, 2016).

Pesquisa com o objetivo de conhecer as representações sociais de primigestas em relação ao parto apontou que a vivência de sentimentos de dor, medo e sofrimento relacionavam-se ao despreparo e à falta de conhecimento em relação ao tipo de parto, assim como à falta de subsídios para a tomada de decisão (AISSA *et al.*, 2014).

Neste sentido, a educação em saúde durante o período gravídico-puerperal, assim como grupo de gestantes e de puérperas ou sala de espera, fomenta a transformação de percepção e enfrentamento de fenômenos que ocorrem nessa fase da vida das mulheres, à medida que estimula a troca de saberes, o esclarecimento frente a dúvidas, a crítica e a promoção da saúde (CAMILLO *et al.*, 2016).

Nas consultas de pré-natal, grupos e/ou rodas de conversas, é necessário abordar assuntos como preparo para o parto; planejamento do local do parto; sinais e sintomas de trabalho de parto e de

possíveis complicações; esclarecimento das dúvidas sobre as rotinas da assistência ao parto; resgate do conhecimento acerca da gestação, parto e aleitamento materno como processos fisiológicos; preparo da gestante para o parto vaginal com esclarecimento das intervenções necessárias que garantam conforto e segurança para a mãe e para o feto; orientação quanto ao direito legal de permanência do acompanhante; esclarecimento sobre condições que contraindicam a via vaginal, com recomendação de cesárea preferencialmente entre 39-40 semanas; entre outras tantas que podem influenciar em um trabalho de parto e parto com mais tranquilidade (SÃO PAULO, 2010).

A prática com grupos é responsável pela promoção e construção coletiva do conhecimento. Possibilita a oportunidade de reflexão sobre a realidade experienciada pelos participantes, facilita a expressão de sentimentos, dúvidas e emoções. O processo educativo com gestantes, ademais, fortalece a autonomia e o protagonismo das mulheres e familiares no processo de nascimento, subsidiando suas escolhas na gravidez, parto e nascimento, e puerpério (TEIXEIRA *et al.*, 2017).

Considerando que o trabalho com grupos possibilita mostrar à mulher o seu papel de protagonista do seu trabalho de parto, parto e nascimento de seu filho, a presente pesquisa buscou responder a seguinte questão norteadora: Quais as informações recebidas pelas mulheres no pré-natal e/ou grupos de gestantes em relação ao trabalho de parto e parto?

Neste contexto, este estudo objetiva conhecer as informações recebidas pelas mulheres no pré-natal e/ou grupos de gestantes em relação ao trabalho de parto e parto.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, realizada no município de Pelotas/RS, na Unidade Básica de Saúde (UBS) Sociedade Assistencial Nossa Senhora do Carmo (SANSCA), onde acontecem os encontros do grupo de gestantes e puérperas do projeto de extensão universitária “Prevenção e Promoção da Saúde em grupos de Gestantes e Puérperas”.

O estudo foi concretizado com cinco puérperas das dez participantes que atendiam aos critérios de inclusão: ter até seis meses pós-parto, participar do grupo de gestantes e/ou do pré-natal na unidade supracitada. Foram excluídas duas puérperas com dificuldade de comunicação e dois óbitos fetal ou neonatal, e uma não aceitou participar do estudo. Todas assinaram o Termo de Consentimento

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

Livre e Esclarecido (TCLE) e o anonimato foi garantido pela identificação com Letra M, seguida da numeração de acordo com a ordem das entrevistas. A coleta de dados ocorreu no período de maio a junho de 2018, por meio de entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas, e posteriormente transcritas.

A análise dos dados decorreu conforme a Proposta Operativa de Minayo (2014), que consiste nas etapas de pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/interpretação dos dados. Na etapa de pré-análise realizou-se a leitura flutuante do conteúdo das entrevistas para constituição do corpus, com objetivo de estabelecer a relação entre os pressupostos iniciais e a revisão de literatura relacionada ao tema. Assim, os dados previamente coletados nas entrevistas semiestruturadas foram cuidadosamente transcritos, submetidos a sucessivas leituras e organizados de acordo com os objetivos da pesquisa, questão norteadora, confrontados com a revisão de literatura e reflexões da autora.

Após a análise, emergiram três categorias: (des)conhecimento das puérperas sobre trabalho de parto e parto; boas práticas no parto e nascimento na ótica das puérperas; e grupo de gestantes: cenário de práticas educativas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina – UFPel por meio do protocolo nº 2.627.716 e do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 88141318.0.0000.5317, na data de 29/04/2018.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização das participantes do estudo

As participantes do estudo foram cinco mulheres com faixa etária entre 21 e 35 anos que participaram do grupo de gestantes e/ou fizeram o pré-natal na UBS SANSCA. Todas eram alfabetizadas, três eram primigestas e todas realizaram consultas de pré-natal e participaram de pelo menos um encontro no grupo de gestantes nesta unidade.

(Des)conhecimento das puérperas sobre trabalho de parto e parto

As informações sobre o processo de parturição necessitam ser

abordadas nas consultas de pré-natal e nos momentos de encontro com os profissionais de saúde para que as mulheres adquiram e fortaleçam o conhecimento e tornem-se cientes do seu protagonismo durante o processo de parturição, em detrimento da equipe de saúde hospitalar que lhes preste o cuidado.

Ao serem questionadas sobre as orientações recebidas no pré-natal, M2 e M3 relataram ter recebido orientações quanto ao trabalho de parto e parto nas consultas.

[...] Sim, a doutora falava para mim, quando chega, assim, tu já tens que ir para o hospital[...] (M2).

[...] Ah, a médica explicou muito [...]eu sabia no caso só pela médica mesmo, das dores tudo, foi por causa ali do posto mesmo[...] (M3).

Contrariando o necessário para o empoderamento feminino, as participantes M1 e M4 relataram não terem recebido orientações referentes ao trabalho de parto e parto durante as consultas de pré-natal por parte dos profissionais de saúde.

[...] no meu pré-natal eles não me falaram nada, era só o que eu perguntava para elas mesmo[...] (M1).

[...] A médica nunca falou sobre isso e eu nunca perguntei também[...] (M4).

Percebe-se, ainda, no relato de M4 a falta de conhecimento, compreensão e protagonismo da mulher diante do processo de gestar e parir, o que é explicitado pela observação de que nunca questionou o profissional que a assistia sobre o trabalho de parto e parto.

É imprescindível que as mulheres recebam informações acerca do trabalho de parto e parto, de modo a fazer valer o direito de escolha das tecnologias de cuidado existentes para o alívio da dor e a opção da melhor posição de parir para que tenham conforto e segurança. Para o alcance dessa premissa, as gestantes precisam ser orientadas e acompanhadas por uma equipe de saúde capacitada e comprometida durante todo o processo de gestação e parto (SIEBRA *et al.*, 2015).

Reforçando este paradigma, Melo *et al.* (2014) indicam que no pré-natal a mulher precisa receber orientações sobre os estágios da gestação, bem como o preparo para o trabalho de parto e parto, uma vez que este período pode ser marcado por traumas, tanto para a mãe quanto para o bebê quando as mulheres se encontram despreparadas para esta vivência.

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

O protagonismo feminino precisa ser iniciado desde o diagnóstico da gravidez, para que o conhecimento seja acrescido de acordo com a evolução da gestação. É fundamental que os princípios da Política de Humanização do Parto e Nascimento sejam vivenciados e garantidos de forma ímpar nesse momento de vida deles.

Com base nos relatos de M1 e M3, pode-se perceber a falta de conhecimento e poder das mesmas diante do seu processo de parir e nascer.

[...] Eu não sei muita coisa assim, como tu diz ... Não sei muitas coisas sobre as fases do trabalho de parto [...] (M1).

[...] então eles estavam tentando botar o remédio, mas eles nem falaram o nome do remédio, nem sei qual era o nome do remédio que eles estavam me botando [...] (M3).

As ações de prevenção e promoção de saúde nos cuidados obstétricos estão imensamente relacionadas ao empoderamento da mulher. Para tanto, essas ações devem iniciar na gestação, para que na hora do parto ela sintasse-se segura em participar e intervir nas decisões acerca de sua assistência (GAIVA; PALMEIRA; MUFATO, 2017).

As entrevistadas M1, M2 e M5 relataram o conhecimento quanto às contrações e à perda do tampão mucoso:

[...] as contrações eram aquela dor que vinha das costas e pegava a barriga [...] (M1).

[...] contrações mais fortes assim é aquela dorzinha que dá nas costas, dá embaixo da barriga aí tu vê que elas vem mais frequentes, aquela coisa toda[...] vem aquela borrinha que parece uma clara[...] (M2).

[...] o tampão eu já sabia como é que era por causa da minha irmã [...] (M5).

Percebe-se que as mulheres apresentam conhecimentos distintos acerca do trabalho de parto e parto, pois as informações recebidas não foram homogêneas entre as entrevistadas, o que nos leva a supor que nem todas foram estimuladas a participar e serem protagonistas do seu processo de gestar, parir e do nascimento do seu bebê.

Neste sentido, Frigo *et al.* (2014) afirmam que esta carência de informações por parte das mulheres pode contribuir para o domínio de autoridade do profissional de saúde, excluindo a parturiente do processo decisório, anulando-a do protagonismo no seu do parto.

Conclui-se que, neste estudo, o empoderamento feminino foi

pouco estimulado pelos profissionais de saúde. Reforça-se que esta postura de desinformação dos profissionais de saúde para com a gestante precisa ser trabalhada, pois tem reflexo direto na vivência das mulheres no processo de parturição, podendo inferir negativamente nas experiências e vivências.

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

Boas práticas no parto e nascimento na ótica das puérperas

Para Frello e Carraro (2010) o cuidado à mulher em trabalho de parto e parto consiste em respeitar o tempo do processo de parturição e vai além do cuidado técnico e científico, pois é necessário considerar os aspectos culturais de cada da mulher, respeitando seu contexto de vida. É preciso escuta ativa, acolhimento e diálogo, valorizando suas angústias e temores para que a mulher vivencie o trabalho de parto de forma mais natural.

A transformação do processo de parir e nascer vem ocorrendo e mudando as práticas de cuidado em momento ímpar na vida das parturientes e de suas famílias. Nos relatos, percebe-se que as mulheres que utilizaram os métodos não farmacológicos ficaram satisfeitas e apontaram seus benefícios no que diz respeito ao conforto e ao alívio da dor. A utilização dessas tecnologias está transformando os cenários das maternidades e, com isso, qualificando as práticas de cuidado.

A dor no trabalho de parto e parto não está associada às enfermidades, mas sim ao processo biológico reprodutivo natural do corpo da mulher. A dor pode transformar o processo de parturição em uma experiência negativa para a mulher, a qual, ainda, pode manifestar sentimentos como ansiedade, medo e insatisfação (SCHVARTZ, 2016).

Nesta perspectiva, para Oliveira e Cruz (2014), os métodos não farmacológicos são utilizados para diminuir a dor provocada pelas contrações uterinas, ajudam a aumentar a satisfação materna e melhoram os resultados obstétricos, pois apreciam a sensação de controle que as mulheres ganham ao manejarem ativamente a dor, além da liberdade de movimentação e de escolha dos movimentos.

No presente estudo, percebe-se nos relatos que as mulheres que utilizaram os métodos não farmacológicos de alívio da dor no trabalho de parto ficaram satisfeitas e apontaram seus benefícios. A utilização destas tecnologias está transformando os cenários das maternidades e qualificando as práticas de atenção. Algumas mulheres

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

citam a bola suíça como um método não farmacológico benéfico e eficaz no momento da dor:

[...] me deram a bola [...] que no início, assim era como tirar com a mão [...] mas a bola ainda me ajudava a passar pela dor [...] e a bola ajudava só que aí o banho também. (M1).

[...] eles botaram na bola aquela, eu estava na bola tranquila [...]” (M5)

O uso da bola suíça como método não farmacológico permite liberdade na adoção de diferentes posições, sendo uma terapia complementar para promover conforto e alívio da dor, progressão do trabalho de parto e a oportunação da posição vertical (TAAVONI *et al.*, 2016).

Outra boa prática realizada pelos profissionais de saúde apontada pelas puérperas deste estudo foi o contato pele-a-pele e o incentivo à amamentação exclusiva na primeira hora pós-parto.

[...] porque já tiraram ele da minha barriga e já colocaram para mamar[...] (M2).

[...] saiu ali, toda suja de sangue foi para teta na hora [...] (M4).

O contato pele a pele precoce é fundamental para o estabelecimento do vínculo mãe-filho, reduzindo o choro e o estresse do recém-nascido, mantendo-o aquecido. Essa estratégia visa ainda promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno (SILVA *et al.*, 2016).

O benefício da aproximação entre mãe e filho aumenta a duração da amamentação, pois na primeira hora de vida os bebês permanecem em estado de alerta, aprendem a sugar de maneira mais eficiente e recebem o colostro que serve como a primeira imunização da criança e promove melhores resultados em seu desenvolvimento (LEITE *et al.*, 2016).

A transformação e a (re)significação dos cenários de parto e nascimento são imprescindíveis, sendo fundamental a adoção de práticas qualificadas e centradas no poder da mulher que transformem positivamente o momento de parir, como um evento ímpar e significativo de vida (CASSIANO *et al.*, 2016).

Acredita-se que as boas práticas no parto e nascimento vêm sendo implementadas de forma tímida, mas não menos eficazes. No entanto, reforça-se que é preciso estimular profissionais de saúde, gestores e as próprias mulheres para que efetivamente as boas práticas de atenção ao parto e ao nascimento aconteçam de maneira

sistematizada, assim, paulatinamente, passarão a integrar a rotina das maternidades.

Grupo de gestantes: cenário de práticas educativas

O período gestacional, conceituado por Nunes *et al.* (2017), é uma fase de aprendizado, preparação fisiológica e psicológica para o parto e para a maternidade. Partilhar sentimentos por meio de grupos proporciona condições para que as gestantes se sintam mais tranquilas ao perceberem que outras mulheres dividem as mesmas angústias.

As participantes deste estudo, ao serem questionadas sobre os grupos, foram unânimes em afirmar sua importância, como pode ser observado em seus relatos:

[...] o grupo para mim foi bastante importante, eu aprendi bastante coisa ali [...] acho bastante importante vocês fazerem o grupo, porque eu não sabia muita coisa [...] (M1).

[...] Para mim foi válido até vir no grupo [...] nesse que eu vim foi bem válido, gostei muito [...] Eu acho que é bem importante o grupo de gestante[...] (M2).

[...] a gente aprende bastante coisa, foi bem bom mesmo [...] (M3).

[...] Foi legal, porque todo mundo conversava, todo mundo falava [...] (M5).

O grupo com gestantes favorece a abordagem de temáticas que, muitas vezes, não são faladas nas consultas de pré-natal ou outros espaços de cuidado à saúde. É uma dinâmica capaz de favorecer a troca de saberes e práticas entre participantes e profissionais, contribuindo para a autonomia e o empoderamento da mulher (CAMILO *et al.*, 2014).

Salienta-se nos relatos de M1 e M4 a importância dos grupos para as mulheres que experimentam a gravidez pela primeira vez e a importância das temáticas distintas abordadas nos encontros.

[...] no grupo eu aprendi sobre as contrações também [...] porque como era meu primeiro filho eu não sabia [...] o grupo que eu fiquei sabendo sobre algumas doenças que podia ter durante a gravidez [...] depois para ensinar como a gente lidava com as crianças, algumas coisas sobre as cólicas eu aprendi ali com vo-

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

cês também [...] ajudou bastante sobre saber a hora que o bebê está querendo nascer também [...] (M1).

[...] É foi bem interessante para como eu, que era mãe de primeira viagem, foi bem interessante [...] (M4).

[...] então para mim foi válido vir no grupo, saber por que, principalmente de amamentar essas coisas assim [...] (M2).

Acredita-se que o grupo de gestantes é um espaço em que a mulher recebe orientações que reforçam as recebidas durante as consultas de pré-natal sobre o processo de gestar e parir. É neste espaço que o profissional de saúde também tem a tarefa de trocar informações e prestar assistência integral e humanizada.

O enfermeiro, como agente promotor do cuidado, é responsável por proporcionar a troca de experiências e conhecimentos durante todo o período gestacional, seja na consulta de pré-natal e/ou nos grupos de gestantes e puérperas.

A prática educativa desenvolvida pelos enfermeiros pode repercutir positivamente na vivência do nascimento, momento tão significativo na vida da mulher e na construção de uma família. Ademais, ajudam a mulher a criar autonomia no agir, concedendo uma maior capacidade de enfrentar situações de estresse, de crise, e decidir sobre sua vida e sua saúde (QUENTAL *et al.*, 2017).

No tocante à participação no grupo de gestantes, observou-se nos relatos das participantes que essa experiência colaborou para a vivência ímpar da gestação, parto e puerpério. O grupo de gestante foi apontado como um espaço para vivenciar o processo do trabalho de parto e parto, possibilitando a potencialização das experiências positivas, o enfrentamento das dificuldades, a troca de experiências e a produção de conhecimento.

CONCLUSÃO

O presente estudo possibilitou conhecer as informações recebidas pelas mulheres acerca do trabalho de parto e parto e as potencialidades e/ou fragilidades no cuidado do pré-natal acerca das orientações relativas ao processo de parturição.

Acredita-se que o pré-natal é o momento ideal para realização de orientações quanto ao processo gestacional, ao parto, ao puerpério e aos cuidados com o recém-nascido. No entanto, este cenário precisa ser mais bem aproveitado para esclarecimentos de dúvidas, troca de informações e experiências acerca de temas relevantes que sensibili-

zem as mulheres como protagonistas do seu processo de gestar, parir e do nascimento de seus filhos.

Observou-se que as boas práticas ao parto e nascimento estão sendo implementadas nas maternidades, apesar de aparecerem timidamente nos relatos analisados. Os métodos não farmacológicos de alívio da dor, como o uso da bola suíça e o banho de chuveiro foram as tecnologias de cuidado mais citadas pelas participantes e que colaboraram para a humanização do parto e nascimento. Entretanto, outras formas de atender e propiciar mais conforto, como massagem, crioterapia, musicoterapia, que são de baixo custo e tem evidências científicas para sua aplicabilidade, não se fizeram presentes nas práticas vivenciadas pelas puérperas deste estudo.

É propício aos enfermeiros o fortalecimento de ações e de tecnologias de cuidado no pré-natal para possibilitar nascimentos mais felizes e seguros. Além disso, por serem profissionais capacitados para liderar e concretizar grupos com gestantes nos locais onde se realizam a atenção do pré-natal, é imprescindível o investimento em práticas coletivas, a fim de fortalecer as ações de atenção ao pré-natal, parto e nascimento.

Os resultados aqui pontuados poderão ser úteis para novas discussões e reflexões sobre a importância do pré-natal e grupos de gestantes como cenários de práticas educativas, e que os profissionais de saúde, principalmente os enfermeiros, desenvolvam atividades com grupos de gestantes, tendo como foco o acolhimento, o diálogo e a troca de conhecimento com as mulheres e seus familiares no exercício de práticas de saúde pautadas por ações de atenção integral a esta população específica.

Acredita-se que o grupo com gestantes é um espaço importante e singular para a troca de saberes e conhecimentos por meio da interação interpessoal, fortalecendo a promoção da saúde e a prevenção de doenças, além de corroborar para a autonomia das gestantes e de seus familiares, o que refletirá positivamente no empoderamento das mulheres para a experiência do parto e nascimento.

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

BLANK, Evelin Braatz et al. Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

REFERÊNCIAS

AISSA, T.F; OBA, M. V.; PINTO, M. C. R. L.; SCANDIUZZI, R. J.; SOARES, D. W.; GOMES, D. F. A representação social da primigesta em relação ao parto **Cadernos ESP Ceará**. Fortaleza, v.8, n.1, p.11-19, 2014.

CAMILLO, B. S.; MIORIN, J. D.; PRATES, L. A.; SCARTON, J.; BISOGNIN, P.; RESSEL, L. B. Grupo de gestantes: estratégia para o cuidado e educação em saúde. **Biblioteca Lascasas**. Granada, v. 10, n. 3, 2014.

CAMILLO, B. S.; NIETSCHE, E. A.; SALBEGO, C.; CASSENOTE, L. G.; DAL OSTO, D. S.; BÖCK, A. Ações de educação em saúde na atenção primária a gestantes e puérperas: Revisão Integrativa. **Rev enferm UFPE on line**. Recife, v.10, supl. 6, p.:4894-901, 2016.

CASSIANO, A. N; SANTOS, M. G.; SANTOS, F. A. P. S; HOLANDA, C. S. M.; LEITE, J. B. C.; MARANHÃO, T. C. M. O.; ENDERS, B. C. Expressões da violência institucionalizada ao parto: uma revisão integrativa. **Enfermería Global**. Murcia, n.4, p. 465-477, 2016.

GAIVA, M. A. M.; PALMEIRA, E. W. M.; MUFATO, L. F. Percepção das mulheres sobre a assistência pré-natal e parto nos casos de neonatos que evoluíram para o óbito. **Escola Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1-8, 2017.

FRELLO, A. T.; CARRARO, T. E. Componentes do cuidado de enfermagem no processo de parto. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. Goiânia, v. 12, n. 4, p. 660-668, 2010.

LEITE, M. F. F. S.; BARBOSA, P. A.; OLIVINDO, D. D. F; XIMENES, V. L. Promoção do aleitamento materno na primeira hora de vida do recém-nascido por profissionais da enfermagem. **Arquivo de Ciências da Saúde da UNIPAR**. Umuarama, v. 20, n. 2, p. 137-143, 2016.

MATOS, M. R. Atuação do profissional enfermeiro no pré-natal: educando para saúde. In: XIII Congresso Nacional de Educação, 2017, Curitiba- PR. **Anais XIII Congresso Nacional de Educação**. Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, v. 13, p. 1-8, 2017.

MELO, D. S. A.; SILVA, J. M. O.; SANTOS, A. A.; SANCHES, M. E. T. L.; CAVALCANTE, K. O. R.; Percepção da mulher quanto à assistência ao parto. **Revista de Enfermagem UFPE**. Recife, v. 10, n. 2, p. 814-820, 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

NUNES, G. P.; NEGREIRA, A. S.; COSTA, M. G.; SENA, F. G.; AMORIM, C. B.; KERBER, N. P. C. Grupo de gestantes como ferramenta de instrumentalização e potencialização do cuidado. **Cidadania em Ação – Revista de Extensão e Cultura**. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2017.

QUENTAL, L. L. C.; NASCIMENTO, L. C. C. C.; LEAL, L. C.; DAVIM, R. M. B.; CUNHA, I. C. B. C. Práticas educativas com gestantes na atenção primária à saúde. **Revista de enfermagem UFPE**. Recife, v. 11, n. 12, p. 5370-5381, 2017.

SÃO PAULO. Secretaria da Saúde. Atenção à gestante e à puérpera no SUS–SP: **manual técnico do pré-natal e puerpério**. São Paulo: SES/SP, 2010. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/gestor/destaques/atencao-a-gestante-e-a-puerpera-no-sus-sp/manual-tecnico-do-pre-natal-e-puerperio/manual_tecnicooi.pdf

SCHVARTZ, H. V.; PRATES, L. A.; POSSATI, A. B.; RESSEL, L. B. Estratégias de alívio da dor no trabalho de parto e parto: uma revisão integrativa. **Journal of Nursing and Health**. Pelotas, v. 6, n. 2, p. 355-362, 2016.

SIEBRA, M. A.; BRITO, R. C.; MONTEIRO, D. M. S.; MONTE, N. L. A dor do parto normal: significados atribuídos pelas puérperas usuárias do SUS. **Revista Interdisciplinar**. Aracajú, v. 8, n. 2, p. 86-93, 2015.

SILVA, C. M.; PEREIRA, S. C. L.; PASSOS, I. R.; SANTOS L. C. Fatores associados ao contato pele a pele entre mãe/filho e amamentação na sala de parto. **Revista de Nutrição**. Campinas, v. 29, n.4, p. 457-471, 2016.

SILVA, E. A. T. Gestação e preparo para o parto: programas de intervenção. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, v. 37, n. 2, p. 208-215, 2013.

SILVA, L. M. OLIVEIRA, M. J. V.; SILVA F. M. V.; ALVARENGA, M. B. Uso da bola suíça no trabalho de parto. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, v. 24, n. 5, p. 656-662, 2011.

TEIXEIRA, J. A.; SOARES, M. C.; ESCOBAL, A. P. L.; GONÇALVES, K. D.; MATOS, G. C.; SILVA, B. M. P.; ROCHA, K. S. Percepção dos profissionais de saúde da atenção básica sobre os grupos de gestantes. **Revista Saúde (Santa Maria)**. Santa Maria, v. 43, n.1, p. 94-103, 2017.

TOMASI, E.; FERNANDES, P. A. A.; FISCHER, T.; SIQUEIRA, F. C. V.; SILVEIRA, D. S.; TUMÉ, E.; DURO, S. M. S.; SAES, M.

BLANK, Evelin Braatz *et al.* Práticas educativas para (re)significar o parto e o nascimento no olhar de puérperas. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 3, p. 581-595, 2019.

O.; NUNES, B. P.; FASSA, A. C. G.; FACHINNI, L. A. Qualidade da atenção pré-natal na rede básica de saúde do Brasil: indicadores e desigualdades sociais. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 1- 11, 2017.

TOSTES, N. A.; SEIDL, E. M. F. Expectativas de gestantes sobre o parto e suas percepções acerca da preparação para o parto. **Temas em psicologia**. Ribeirão Preto, v. 24, n. 2, p. 681-693, 2016.